

Primeira eleição de Brasília é a guerra no escuro

BRASÍLIA — "Numa guerra des-sas, todo mundo é adversário". O co-mertário, de um integrante da direção do PMDB, revela a caixa de surpresas que será a primeira eleição de Brasília: trabalhando às escuras, sem saber sequer quantos eleitores existem na cidade ou de quantos vo-tos vão precisar, dezenas de postu-lantes às 11 vagas no Congresso já deflagraram a corrida para lançar seus nomes nas ruas.

E, para um lugar atípico, onde a maior parte da população, inclusive os candidatos, é de fora, vale tudo: desde discursos contra "forasteiros e aproveita dores" (isso numa cida-de que só tem 26 anos) até a importa-ção de experientes cabos eleitorais dos outros Estados. As cidades-satélites — onde mora a popula-ção de baixa renda — transformaram-se, de repente, na melhor fatia do bo-lo. Estrategicamente isoladas do plano piloto, núcleo de Brasília, es-sas regiões nunca foram tão visita-das por políticos.

— Moro há nove anos em Brasília e nun-a vi político por aqui — diz, as-sustada, Antônia Cilene de Lucena, cearense, Presidente da Associação dos Moradores do Acampamento da CEB, onde moram cerca de 750 famílias de posseiros.

O empresário Francisco Aguiar Carneiro, candidato a candidato a Deputado Federal pelo PMDB, criou uma superestrutura particular: em julho do ano passado, ele e um grupo de empresários organizaram uma "caixinha", na época de Cr\$ 1,4 mi-lhão, para garantir seus interesses na Constituinte. Desse movimento, surgiu a União das forças Políticas do Distrito Federal, hoje tão estrutu-rada quanto um partido, com diretó-rio central e regionais em todas as cidades-satélites.

O grupo, além de Francisco Carneiro, dono da revendedora de veícu-los Eldorado e ex-Secretário da In-dústria e Comércio do Distrito Fede-ral, é integrado por grande parte da elite do empresariado brasiliense, pioneiros na construção de Brasília. Além de promover seus candidatos, a União vai realizar uma convenção paralela à dos partidos para escolher outras candidaturas, de várias legendas, que pretende financiar.

— Brasília não pode ser invadida por forasteiros. Queremos homens identificados com a cidade — prega-via Francisco Carneiro, durante uma ruidosa passeata promovida pelo grupo na cidade-satélite de Tagua-tinga.

— Isso é abuso do poder econômi-co, com a direita infiltrada no PMDB. Sei que estão com uma caixinha de Cr\$ 60 milhões protestava José Bonfim, morador de Taguat-inga, filiado ao PC do B.

Como até então, em Brasília, não existe trabalho eleitoral nas bases, o maior desafio tem sido fazer com que os eleitores saibam quem são os candidatos. Nessa corrida, os investi-mentos são altos. O Presidente da Associação Comercial de Brasília, Lindberg Aziz Cury, outro integran-te do grupo dos empresários e tam-bém postulante à Câmara pelo PMDB, deflagrou sua candidatura através das Associações Comerciais que fundou em cada uma das sete cidades-satélites.

Pelo PTB, o maior investimento está na candidatura de outro empre-sário: Antônio Venâncio, dono de dois shopping-centers e de vários edifícios comerciais. A partir de uma pesquisa que encomendou a uma empresa paulista, indicando que 72,7 por cento dos eleitores da ci-dade são nordestinos, Venâncio está contratando uma agência de publici-dade para montar toda sua campanha "no estilo nordestino". Ele já conta com 50 carros de som equipa-dos com videocassete e telão. Em vez das convencionais passeatas, Venâncio promove forró e frevos, com o apelo do tipo "nordestino vota em nordestino".

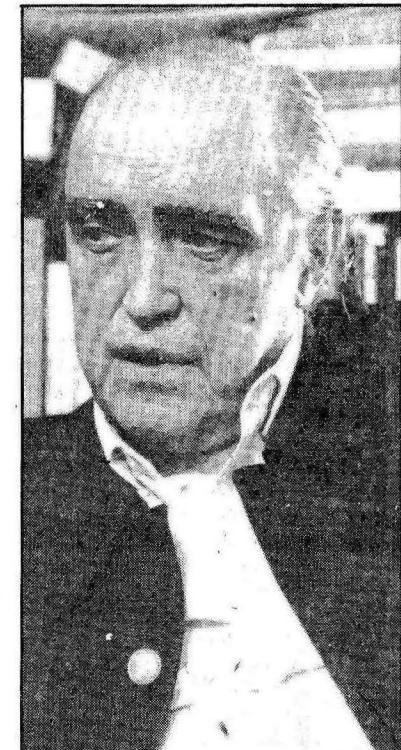
O Deputado Múcio Athayde (PMDB-RO) adotou o estilo populis-ta e está dando trabalho aos adver-sários. Na briga pela conquista das lideranças comunitárias uma das estratégias mais utilizadas em cam-panha eleitoral — Múcio optou por um esquema próprio: criou cerca de cem associações de moradores, pre-miando seus seguidores com cente-nas de carteirinhas de couro idênti-cas às da Câmara Federal, que man-dou confeccionar com o título de "deputados comunitários".



A propaganda rola solta, mas são candidatos sem partidos



Antônia de Lucena, líder comunitária, não crê em Múcio Athayde



Niemeyer, arquiteto da cidade, tem chance